



HÁ DE SER FORTE, SEM PERDER A TERNURA JAMAIS: MULHERES, CORPOS E ESTERÓIDES ANABOLIZANTES¹.

Simone Freitas Chaves
Jorge Felipe Fonseca Moreira

RESUMO

Este estudo analisa algumas representações circulantes no imaginário contemporâneo relativas à dissociação do sujeito e seu corpo como exterioridade, discutindo a potencialização corporal pela via dos esteróides anabolizantes. Neste sentido, investigamos o imaginário ligado ao uso destas substâncias por um grupo de mulheres, perseguindo as proximidades e afastamentos com os sentidos desvelados no grupo masculino por pesquisas já realizadas. Há um controle disciplinar marcado pela obsessão na correção corporal, o desejo de "ser forte" se coaduna à preocupação com o apagamento de signos de pertencimento ao feminino, o que parece balizar as tênues fronteiras de limite nesta produção de si.

Palavras chave: corpo, mulheres, esteróides anabolizantes.

ONE MUST HARDEN, WITHOU EVER LOSING THE TENDERNESS: WOMEN, BODIES AND ANABOLIC STEROIDS.

ABSTRACT

This study analyzes representations circulating in contemporary imaginary about the dissociation of subject and his/her body as an external element, by discussing the body potential increase through the use of anabolic steroids. We have investigated the imaginary related to the use of these compounds by a group of women, following the relation to the meanings emerged in the male. There is disciplinary control marked by the obsession towards body correction; the desire to "be strong" matches the concern about the deletion of signs that indicate insertion in female group, which seems to validate the thin borderlines in this self-production.

Key words: body, women, anabolic steroids.

HAY QUE SER FUERTE, SIN PERDER LA TERNURA JAMÁS: MUJERES, CUERPOS Y ESTEROIDES ANABOLIZANTES.

RESUMEN

¹ Essa pesquisa foi realizada com o auxílio instalação da FAPERJ.



Este estudio analiza algunas representaciones circulantes en el imaginario contemporáneo relativas a la separación del sujeto y su cuerpo como exterioridad, discutiendo la potencialización corporal por la vía de los esteroides anabolizantes. Investigamos el imaginario ligado al uso de estas sustancias por un grupo de mujeres, persiguiendo las proximidades y apartamientos con los sentidos desvendados en el grupo masculino. Hay un control disciplinar marcado por la obsesión en la corrección corporal, al deseo de "ser fuerte" se acepta a la preocupación con el cuerpo femenino a lo que parece situar las frágiles fronteras del límite de esta producción de si.

Palabras clave: *cuerpo, mujeres, esteroides anabolizantes.*

Introdução

“Nunca o corpo constituiu tal objeto de atenção, de trabalho, de proteção e de reparação” entoa o filósofo Gilles Lipovetsky (1994, p.118), ao lado de um amplo leque de cientistas sociais que mesmo não tendo este como foco, admite o lugar do corpo como protagonista da cena contemporânea nos grandes centros das sociedades democráticas modernas. Para o antropólogo David Le Breton (2003), embora este imaginário do corpo não alicerce todo o conjunto das sociedades, ao menos, é esta a idéia circulante nos diferentes meios.

Para Le Breton, que tem se dedicado ao estudo do corpo sob o prisma das ciências sociais, desde o final da década de sessenta do séc. XX, a emergência de um conjunto de discursos e práticas relativas ao corpo, com uma extensão e domínios até então inéditos, foram responsáveis por instituir um imaginário social contemporâneo cujas características alteraram sobremaneira a relação dos indivíduos com o seu corpo. A aparente libertação corporal após séculos históricos de repressão sucedeu uma espécie homóloga de devoção e controle, na qual o indivíduo se dissocia do seu corpo e se subordina às exigências sempre efêmeras em nome de uma moral do bem-estar e do bem-viver² (1990).

Esta reapropriação corporal e a súbita paixão pelo corpo, segundo o autor, revelam ambigüidades herdadas dos séculos XVI e XVII. Uma espécie homóloga do dualismo cartesiano permeia o imaginário contemporâneo e se apresenta de forma velada, neste, o corpo não mais se opõe à alma, ou à razão, mas ao próprio homem.

o dualismo moderno não afasta a alma (ou o espírito) e o corpo, ele é mais insólito, mais indeterminado, ele avança mascarado, temperado sob formas numerosas, mas todas elas repousando sobre uma visão dual do homem. Lugar de jubilação ou de desprezo, o corpo é, nessa visão de mundo, percebido como outro que não o homem. (1990, p. 158)

² O sociólogo francês Jean Baudrillard corrobora com esta discussão quando analisa o corpo como estatuto da cultura, incorporando a lógica do objeto na sociedade de consumo. O autor traça um deslocamento de sentido de uma era milenar de puritanismo e restrições religiosas para mecanismos similares de devoção corporal, de um corpo que circula como capital simbólico, signo de ostentação e passaporte de circulação social na sociedade contemporânea.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

O distanciamento do homem e o seu corpo como identidade se dá ainda, antes da emblemática filosofia cartesiana que proclama o dualismo psicofísico, diferenciando o corpo da existência do sujeito, o seu espírito. Segundo Le Breton (2003), os anatomistas, anteriores a Descartes e à filosofia mecanicista, “fundam um dualismo que é central na modernidade e não apenas na medicina, aquele que distingue, por um lado, o homem, por outro, seu corpo (p. 18)”.

O conjunto de deslocamentos e transformações dos valores instituídos ao corpo acaba por tornar a identidade do sujeito pulverizada, a torrente de discursos contemporâneos, sobretudo oriundos do campo tecnocientífico, realçam a manipulação do corpo como um objeto, dissociando-o do sujeito que o habita.

A dicotomia proposta por Le Breton como característica fundante do corpo contemporâneo, abandona a ancoragem do sujeito em sua corporeidade, pois ilustra uma relação dual: ter um corpo como propriedade, administrá-lo a exemplo de um acessório, controlar seus humores tal qual a programação da máquina, potencializar e superar suas fragilidades com os recursos tecnocientíficos. Distinto do sujeito, o corpo torna-se um objeto a disposição sobre o qual agir para melhorá-lo.

Nesta visão, a identidade se desloca para fora de si mesmo, coadunando-se ao processo de objetificação do corpo e fragmentação do sujeito. O corpo é subtraído do homem e incorporado à lógica do objeto. A sua existência atual está pautada na transmutação, na permutação dos elementos que garantem a sua organização, “estrutura modular cujas peças podem ser substituídas” (LE BRETON, 2003, p.19).

Apesar de o autor localizar no discurso tecnocientífico contemporâneo a exacerbação desta dicotomia, instituindo através das intervenções científicas um imaginário de constatação da precariedade da carne, da imperfeição e da fragilidade humanas, compreendemos que estas práticas discursivas têm permeado progressivamente as diferentes mídias, fazendo circular um conjunto de representações sobre o investimento necessário no corpo a fim de torná-lo uma máquina mais eficiente.

Neste início de milênio, as intervenções sobre o corpo são legitimadas, travestidas pelos mais diversos imperativos da boa forma e do bem-estar, obrigação incondicional de uma moral individualista. Enquanto campos como a bioética, se ocupam em delimitar os limites da apropriação e manipulação corporais, parece-nos que, quanto aos indivíduos, não pairam dúvidas sobre a decisão de alterar a sua forma corporal. Sob o signo da moda, as transformações corporais entram em cena, relativizando as tênues fronteiras entre o certo e errado, verdadeiro e falso, natural e artificial nas relações dos indivíduos com o seu corpo.

Assumindo uma forma sempre modelável, articulável, o corpo se apresenta como uma matéria-prima a modelar, a redefinir, adequando-se ao design do momento, pelas exigências sempre efêmeras de uma sociedade de consumo, que a exemplo das mercadorias, circula com a lógica da obsolescência programada. Do mesmo modo, o corpo se apresenta como uma representação provisória, palco de efeitos especiais, ávido pelo consumo da novidade. A obsolescência programada que comanda o tempo de vida para os objetos, insere-se no corpo, e desta forma, só pode considerá-lo como um kit de partes eventualmente destacáveis a manipulação de si.

Assim, as próteses de silicone são trocadas pelas fabricadas em um novo laboratório, que garante, por exemplo, um formato mais “natural”. Intervenções extremamente localizadas vendem o kit articulável do corpo: aparelhos para enrijecer e hipertrofiar determinados grupamentos musculares, correções estéticas em todo o corpo, injeções de medicamentos (até mesmo esteróides anabolizantes) aplicados no local a ser “alterado”. As cirurgias oferecem a alquimia corporal, disponíveis até mesmo para a mudança de sexo. Os medicamentos utilizados na dermatologia e estética constantemente são alvos de proibição



legal pela falta de controle sobre seus efeitos colaterais. Mas quem estaria interessado? O olhar não ultrapassa a superfície extremamente lisa da pele (LE BRETON, 2003, p.29).

Na análise de Le Breton, o corpo torna-se um emblema do self e a interioridade do sujeito reduz-se a sua superfície. Pensemos sobre os desdobramentos desta visão, o corpo como um alter ego cuja interioridade resume-se ao mais externo, se reflete em um conjunto de representações contemporâneas que cultivaram, por exemplo, verdadeira aversão pela pele enrugada, pela gordura, estigmas que se cristalizam sobre o sujeito.

Conforme o autor, a emergência de novas formas de pensar e agir sobre o corpo, explicitamente a partir do período citado, são inerentes à aceleração e exacerbação do processo de individualização, que marca as sociedades ocidentais. Nesta etapa do individualismo contemporâneo, as relações de tradição agregadas ao corpo se transformam em sua essência, um conjunto de mudanças caracteriza este processo: um investimento na esfera privada, deslocamento e atenção para os cuidados de si, multiplicação dos estilos de vida, atomização dos atores, obsolescência contínua das referências e dos valores.

A lógica que permeia as sociedades que possuem um forte eixo individualista como característica fundante, imprime no corpo a fronteira do sujeito, lugar de individuação e distinção. O corpo apresenta-se como a realidade tangível num cenário em que a tradição e os laços culturais distendem-se, deformam-se, não assegurando o mesmo grau de coesão social em torno de suas práticas. O deslocamento para a esfera privada, ao cuidado de si, à tomada do próprio corpo evidencia o investimento narcisista sobre si.

Le Breton (1995) situa, a partir da década de 1960, um segundo momento na trajetória do individualismo nas sociedades ocidentais, cujo avanço e exacerbação podem ser identificados pela atomização dos atores e pela emergência de uma sensibilidade narcisista. Em uma sociedade onde reina a incerteza, o corpo permanece ancorado, capaz de situar o sujeito em alguma certeza, ainda que efêmera. Nestas sociedades, o processo de dessimbolização, perda de sentidos (conseqüentemente de valores) que caracterizam as relações entre os indivíduos, considerando a cultura como um conjunto de sistemas simbólicos, “gera formas inéditas de socialização que privilegiam o corpo, mas o corpo coberto de signos efêmeros, objeto de um investimento crescente” (p. 159).

Há um iminente paradoxo que caracteriza a ética contemporânea. Ao mesmo tempo em que as palavras de ordem circulam em torno da comunicação, do contato, do calor, do bem-estar, do amor, da solidariedade, entre outros, estes valores desertam³ o campo social.

A recorrência destes discursos acompanhada do esvaziamento de sentido das suas práticas favorecem o surgimento dos especialistas de cada um destes campos, que terão tempo e lugar definidos para tal. O indivíduo consome tais valores como um imperativo social, destituído dos sentidos que seriam imanentes ao tecido social e às relações humanas. Desloca-se para a esfera privada o que não se encontra mais na sociabilidade comum, as obrigações e expectativas do indivíduo com a sociedade voltam-se para os limites do próprio corpo. Le Breton sintetiza este cenário:

Da frequência regular às salas de preparação física às sessões de terapia corporal de grupo, do jogging à maratona, do uso do tubo de isolamento sensorial aos esportes como esqui ou patinação, dos cosméticos à dietética, o indivíduo procura pela mediação de seu corpo (e

³ Jair Ferreira dos Santos, em sua obra o que é pós-moderno, esclarece que os sociólogos estão apontando uma mudança chamada de deserção social. É a metáfora de tornar deserta uma região. Pela desmobilização e despolitização, o neo-individualismo pós-moderno, que tende ao descompromisso, “ao não tenho nada com isso”, vem esvaziando as instituições sociais.



porque o corpo é o próprio lugar da ruptura) viver um desabrochar íntimo. A intimidade torna-se um valor chave da modernidade, ela engloba a pesquisa de sensações novas, as do bem-estar corporal, a exploração de si, ela exige o contato com os outros, mas sempre com medida e de maneira controlada. A forma da intimidade substituiu a pesquisa de convívio dos anos sessenta. (1995, p. 160)

O corpo assume o signo ostentatório de distinção social, agregando ao sujeito um conjunto de valores em estreita dependência às exigências efêmeras da satisfação pessoal em nome de um imperativo social de circulação, no reino da sedução e da novidade. O império da novidade entroniza o corpo, pois dele partem demandas inesgotáveis alimentadas pela sociedade de consumo. A espetacularização das imagens que dele se apropria, alimenta o imaginário do consumo, investindo e reforçando a moral não mais do cuidado, mas da obrigação consigo mesmo (CHAVES, 1999).

O imaginário da metamorfose corporal.

A representação do corpo como “emblema do eu” ou “cartão de visitas” da identidade tem sido continuamente reatualizada em uma sociedade em que a imagem estende os seus domínios de uma forma imperativamente sedutora. “Cuide-se”, “você tem obrigação de ser feliz”, “transforme-se em uma nova mulher”, são alguns dos muitos slogans que nos perseguem buscando ecos. Não é difícil nos remetermos a cenas das peças publicitárias que transformam a mulher em charme, sensualidade e sedução pela cor dos cabelos; ou de homens que se “tornaram” irresistíveis pelo carro ou o novo perfume lançado.

Os indivíduos transferem para o seu corpo o investimento narcisista em torno da própria imagem; habitar plenamente em seus corpos e ter a obrigação em buscar a felicidade colocam-se como dever inalienável. Ser feliz, ser livre, independente, bem-sucedido, poderoso, charmoso, saudável, musculoso, enfim, são inesgotáveis as demandas a que os indivíduos se colocam a perseguir. No abandono da anatomia como destino, da interdição corporal por alguma exterioridade, ventila-se um imaginário contemporâneo do corpo transformado em emblema, para tanto, disponível a todas as modificações, tal qual a metáfora de uma matéria-prima modulável e provisória, utilizada por Le Breton (2003) e realçada pelo discurso de um usuário de anabolizantes: “*é isso, acho que se você não nasceu com o corpo perfeito você faz o seu corpo ficar perfeito*”(CHAVES, 2007).

A possibilidade de intervenção corporal em seus diferentes níveis, pela via dos mais variados recursos, desde a ginástica, passando pela gestão farmacológica de si – aqui se inserem os esteróides anabolizantes, até os experimentos no campo da biotecnologia; pretende expurgar do corpo as suas fraquezas, limitações ou fragilidades, fazendo deste, por vezes, um rascunho a ser corrigido. Decerto, a exacerbação de um discurso humanista e os maniqueísmos polarizados em torno destas discussões não colaboram para a compreensão das prementes conexões da tecnologia com as diversas áreas, sobretudo com a médica, possibilitando num ponto de vista integrado, em que a dimensão prometeica e racional da tecnologia tem permitido a milhares de pessoas uma vida mais saudável.

Não nos faltam exemplos para ilustrar o cenário de um abrupto investimento corporal, subsidiado pela sociedade de consumo e carregado pelo cientificismo que rege a esfera contemporânea. A ciência é a pedra de toque, legitimadora do consumo e da necessidade dos cuidados com o corpo, a saúde e o bem-estar. A proliferação da indústria dietética, higiene, vestuário, da cultura física, farmacológica (sobretudo



dos suplementos vitamínicos), intervenção cirúrgica, manipulação estética, publicações voltadas ao corpo, entre tantas outras, atestam o crescimento de um mercado que avança em desmesura para atender aos apelos e desejos dos sujeitos e seus corpos.

O corpo que outrora permanecia escondido, envolto a uma série de tabus e proibido quanto a sua intimidade, passa a circular com uma exposição e um desnudamento progressivos, a moral da boa forma se impõe e o espetáculo do músculo, tão ostentado pela indústria cinematográfica americana dos anos oitenta, pelos seus ícones Arnold Schwarzeneger e Sylvester Stallone, rompe as telas e os espaços circunscritos das arenas. O estigma e pode-se arriscar até mesmo o desprezo que envolvia a cultura do músculo e o músculo-espetáculo⁴ transforma-se em uma espécie de culto, que reina sem distinção entre homens e mulheres (COURTINE, 1995).

A indistinção entre homens e mulheres na cultura do músculo espetáculo, foi uma premissa posta em suspeita por nós, e que nos empurrou a investigação desta pesquisa. Percorrendo as pistas dos praticantes de musculação usuários de esteróides anabolizantes, encontramos relatos de um número crescente de mulheres fazendo o uso destas substâncias, embora não tenhamos dados oficiais sobre esta estatística.

Em pesquisa sobre os sentidos envolvidos na utilização de esteróides anabolizantes pelos graduandos de educação física, Chaves (2007) desvelou a utilização dos esteróides como um elixir da transformação corporal, deslizando entre duas dimensões: uma prometeica, de controle da natureza, gestão racional do próprio corpo e onipotência na crença de um poder para criar o corpo que quiser; e o deslocamento desta para uma dimensão fáustica, de desmedida e descontrole, perda deste limite racional e distorção da própria imagem, buscando um ideal que se metamorfoseia ao menor toque, o que pode levar o sujeito a perda de referências e a própria morte pela busca incessante de um simulacro de imagem.

A pesquisa citada teve a sua amostra totalmente constituída por homens, deixando uma lacuna para a compreensão destes sentidos no universo feminino de usuárias de anabolizantes. Assim, compreender os sentidos envolvidos na produção imaginária das mulheres usuárias de esteróides anabolizantes é o objetivo que impulsiona este estudo em andamento; que possui ainda como questões: “o que busca a mulher que utiliza esteróides anabolizantes?”, “quais as proximidades e afastamentos entre os sentidos envolvidos no uso dos esteróides anabolizantes nos grupos de homens e mulheres?”

A pesquisa possui um caráter qualitativo, as reflexões apresentadas emergiram do trabalho de campo com quatro mulheres que se declararam usuárias de esteróides anabolizantes. Foi realizada entrevista semi estruturada e analisada sob o referencial teórico metodológico da análise do discurso, na perspectiva de Orlandi (2005). Nesta ótica, pretendemos apreender não somente o texto, mas o processo da língua em funcionamento, seus sujeitos e contextos. O discurso reflete e dialetiza práticas sociais vividas no campo, tematizando os conflitos éticos e estéticos dos usos do corpo. As representações que circulam entre este grupo, estão enredadas a uma filiação de sentidos, remetendo-nos a um imaginário que institui o grupo de usuárias de esteróides anabolizantes.

Nas interações cotidianas do sujeito como membro de determinado grupo social, o homem produz falas, discursos, atribui significados, produz sentidos imanentes a sua vida, seus valores, suas crenças, ideologias e utopias. O discurso dos sujeitos da pesquisa é analisado em seu processo de produção de sentidos, entendido pela forma como um objeto simbólico produz sentidos e está investido de significância para e pelos sujeitos (ORLANDI, op.cit., p.26). Portanto, este processo extrapola a

⁴ Expressão cunhada por Jean-Jacques Courtine no artigo: Os Stakanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo in Políticas do Corpo. Denise Bernuzzi Sant’anna (org). Estação Liberdade, 1995.



interpretação, buscando a compreensão, ou ainda, a explicitação dos processos de significação do texto que nos permitam alcançar outros sentidos que o constituem. Para tanto, destacamos algumas marcas lingüísticas características da formação discursiva que emergem da fala das mulheres entrevistadas. Estas marcas apontam regularidades no texto, pistas que emanam das formações discursivas e se entrecruzam, desenhando os sentidos que buscamos apreender.

Corpos, mulheres e esteróides anabolizantes

A primeira questão surgiu quando pedimos às mulheres que abrissem uma caixa em que havia um espelho, e a partir daí, nos relatassem o que estavam vendo. Além da perspectiva de compreender como estas mulheres se percebiam, propusemos esta dinâmica pela análise da ambiência das academias de ginástica, ou seja, a construção social deste espaço em que o espelho se impõe soberano como objeto indispensável da arquitetura, provocando o olhar e convidando insistentemente ao diálogo narcíseo com a auto imagem.

A presença do espelho tem ocupado um lugar de destaque no ritual da cultura do corpo, a magia deste objeto mereceu atenção de Proust (1995), ao falar do desabrochar do corpo e da busca do prazer consigo mesmo, característicos do contemporâneo. Apesar de não ser uma invenção moderna, o espelho tem evocado a uma sedução e um íntimo convite ao olhar: “a pessoa não se olha mais no espelho com o olhar do outro, para ver se os códigos da indumentária estão sendo respeitados; ela se olha de uma maneira que ninguém mais está autorizado a fazer: sem maquiagem, sem roupas, nua” (p. 103). O diálogo especular convida ao olhar e seduz à embriaguez da própria imagem, a simbologia guarda o espelho como lugar da verdade e da revelação do sagrado (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003), em uma relação de cumplicidade.

Vejamos como pensam os sujeitos de nossa pesquisa:

A gente precisa do espelho (risos) o espelho acho que é o melhor amigo, né!

Todo lugar que eu passo eu olho no espelho. Todo lugar. O tempo todo, mulher também no geral é assim.

[a relação com o espelho]Ela é forte. É forte, eu gosto de me olhar o tempo todo e acho até que sou um pouco neurótica com isso.

Chaves (2007), a partir do discurso de usuários de anabolizantes, concluiu que este diálogo especular acontece de forma intensa quando a imagem revelada pelo espelho começa a responder a fantasia construída por esses sujeitos, abandonando uma condição negada de seus corpos, anterior ao uso dos anabolizantes. Quando a imagem refletida começa acenar para a forma corporal desejada, o diálogo narcíseo tende a se acentuar entronizando o corpo como centro do investimento e atenção dos sujeitos. A sedução da imagem traz, paradoxalmente, marcas da angústia e insatisfação pela busca quimérica de um ideal corporal que se metamorfoseia incessantemente, transformando-se em uma miríade de desejos em torno de uma imagem cada vez mais inatingível.



*Ah... eu gosto do que vejo, mas... sou muito assim... me cobro muito, entendeu. Acho que to bem, mas no mesmo tempo acho que **preciso ficar melhor**. To sempre cobrando, sempre achando – não, ce' ta bem mas eu **posso ser melhor**, eu **tenho que ficar melhor**, eu **preciso ser melhor** (ênfase).*

*Quando eu me vejo no espelho eu me sinto, que **eu quero ficar melhor** do que eu já estou. Sempre isso. Quando eu vejo que eu não estou, eu procuro. Digo ah, eu **preciso** fazer isso para **ficar melhor** do que eu já sou.*

*A **gente quer sempre mais**, entendeu? A gente **nunca está satisfeito**. Mas eu acho que não é nem, assim quem faz o uso de anabolizantes, entendeu? Eu acho que é todo mundo, **quer sempre mais**, mas como eu faço, entendeu? Eu **estou sempre procurando mais**.*

A insatisfação, a impermanência, a sede do novo e a busca angustiada por um ideal de corpo quimérico são sentidos que emergem das marcas **eu tenho que, eu preciso, nunca está bom**, alimentados por um imaginário tecnocientífico cuja ideologia de um corpo no rascunho legitima a intervenção e a obrigação em sua correção. Os discursos nos conduzem a um portal que pode nos levar a fronteira entre um uso racional dos processos de potencialização corporal e a esfera patológica que inclui um conjunto de transtornos corporais.

Jurandir Freire Costa (2004), discutindo na clínica a dimensão dos conflitos corporais na atualidade, aponta um imaginário da perfeição, em que o avanço real ou ideologizado da ciência e tecnologia é responsável pelas mudanças no perfil idealizado da imagem corporal.

(...) imagina-se que a perfeição será conseguida pela perfectibilidade física prometida pelas novas tecnologias médicas. (...) o futuro deixou de ser o tempo indeterminado de auto-realização das fantasias emocionais para ser o tempo protocolar das etapas de correção física da aparência corporal. (...) o sujeito contemporâneo padece de um fascínio crônico pelas possibilidades de transformação física anunciadas pelas próteses genéticas, químicas, eletrônicas ou mecânicas (p.77).

Le Breton faz coro, dizendo que nas subjetividades contemporâneas, o olhar não ultrapassa o mais externo, investir no corpo é uma tarefa sem fim para aderir a si, a uma identidade efêmera, mas essencial, afinal, a pele é o mais profundo (2003).

A produção farmacológica de si potencializa um sentido prometeico de onipotência e controle sobre a frágil e imperfeita natureza humana, esta gestão racional e minuciosa do próprio corpo se torna não somente possível, mas acessível pela administração de um rol de substâncias controladoras/estimuladoras das atividades orgânicas. Neste contexto, inserem-se hábitos de uma disciplina ascética, deslocando as obrigações sacrificiais erigidas pela religião para o culto no altar do corpo. Um exemplo dos rituais que acompanham este culto é a utilização de esteróides anabolizantes a fim de potencializar os efeitos da atividade física, obrigatoriamente acompanhado de um conjunto de procedimentos rigorosos e restritivos.

Lipovetsky (1994) nos auxilia na discussão deste cenário apontando a ética contemporânea da felicidade que subjaz a estas práticas, não somente de características consumistas, mas ativistas:

já não se trata da aceitação resignada do tempo, mas da eterna juventude do corpo; já não se trata da sabedoria, mas do trabalho que cada um é capaz de executar; não da unidade do eu, mas da



felicidade *high tech* das exigências de proteção, de conservação, de valorização do capital-corpo (p.65).

O tecido moral que subjaz a este conjunto de práticas relativas a uma nova racionalidade corporal se gesta em meio à consagração do individualismo nas sociedades contemporâneas, numa adjetivação que Lipovetsky denomina a era do pós-dever, caracterizada não como a execração da moral, mas a abolição das formas sacrificiais de obrigações e sanções para com um Deus superior. Para o autor, esta era que alforriou os indivíduos dos imperativos categóricos das obrigações e do dever, herdou de uma cultura autoritária e puritana novos imperativos: a saúde, a juventude, a elegância, o lazer, o sexo. O paradoxo se apresenta: ao mesmo tempo em que a cultura da felicidade é impregnada de uma ideologia desculpabilizante, as suas práticas produzem ansiedade na medida em que erigem normas próprias do bem-estar.

Lipovestky (op. cit.) também analisa a emergência das diversas formas de gerenciar o que denomina de capital corpo, entre elas a musculação:

O princípio de ‘performance’ democratiza-se, mas, simultaneamente, personaliza-se e psicologiza-se, regido como é pela gestão utilitarista do capital-corpo, pela otimização da forma e da saúde, pela emoção do extremo. No momento presente, (...) A descoberta do potencial próprio, do equilíbrio íntimo, do melhor aspecto individual, a vitória sobre si mesmo tornaram-se primordiais, são eles que governam os esforços de ‘endurance’ e de musculação, que reorientam a procura de atividades adaptadas à idade e à força (...). No esforço esportivo, o indivíduo auto-constrói-se ‘a la carte’, sem outro fim senão ser ‘mais’ ele próprio e valorizar o seu corpo: o egobuilding é uma produção narcísica.(...) nunca este [o indivíduo] trabalhou tanto para o aperfeiçoamento funcional do seu próprio corpo (p. 130)

Sob a ótica de Le Breton (2003) o corpo é transformado em máquina, que submetido a uma forte disciplina precisa ser trabalhada analiticamente, feixe por feixe muscular a fim de obter a maximização das suas formas. O autor continua: “O *body building* é um hino aos músculos, um virar o corpo ao avesso sem esfoladura, pois as estruturas musculares são tão visíveis sob a pele viva dos praticantes quanto nas pranchas de Versalio (p.42), Esta disciplina corporal, além dos exercícios, envolve a alimentação e a ingestão de suplementos e anabolizantes, sem os quais a máquina não seria potencializada.

Sobre o aspecto disciplinar deste culto, Courtine (1995) ressalta o caráter persecutório e uma exacerbação dos controles notados nas práticas incorporadas pelos *body builders*, e que para o autor, são elementos que o levam à negação da aproximação comumente empreendida entre o narcisismo e o hedonismo na sociedade contemporânea.

Ainda neste investimento do olhar para o controle disciplinar do corpo, vejamos como se constroem os rituais:

Até na academia, em casa, estou sempre olhando até porque como eu malho e tudo, então estou sempre vendo se mudou alguma coisa, diminuiu ou aumentou alguma coisa, eu gosto sempre de... até em casa, às vezes sozinha, não saio pra lugar nenhum e fico lá me olhando, vejo, olho e até as vezes tiro foto pra ver como eu estou. Então eu tenho uma relação forte com o espelho.



[relação com o espelho]É normal. Entendeu? Mas às vezes eu boto biquíni. Fico às vezes olhando em casa no espelho pra ver se ta bem, o que que eu posso mudar, entendeu?

Sempre tem uns defeitozinhos assim. A gente olha assim pra perna e pro bumbum. Sempre tem um defeito.

O culto do corpo característico da moral contemporânea é celebrado nos prazeres em um diálogo íntimo consigo mesmo. O tempo que esta sociedade consome em torno destes cuidados também é inédito, Proust (1992) revela o quanto o banheiro com seus espelhos, no cerne de uma cultura individualista, hedonista e narcisista, se torna um altar sagrado deste ritual. Esta devoção corporal é discutida como uma espécie homóloga de ascetismo religioso, cujo fim é o corpo. Na análise de Lipovetsky, “quanto maior é a incitação hedonista, maior é o trabalho quotidiano de conservação corporal e de auto-vigilância (...), trocamos o saber enfático da dignidade pelo culto egocêntrico e obsessivo da saúde, da juventude, da estética corporal” (p.118).

Ser forte, sem perder a ternura jamais

Uma das questões que nos dedicamos a investigar reside nas marcas de distinção entre os sentidos envolvidos no uso de esteróides anabolizantes pelas mulheres. A idéia de “crescer” é uma marca encontrada no discurso de usuários de anabolizantes articulada ao sentido de ser forte, cuja produção imaginária envolve uma polissemia relativa à distinção social, status, visibilidade e prestígio (CHAVES, 2007). Encontramos comunidades na internet com o slogan: “*quem cresce natural é planta*”, propagando a naturalização do uso de substâncias para a potencialização muscular, que de outra forma não seria possível. No campo da musculação, esta marca não é de distinção do universo masculino, pois as mulheres almejam tanto quanto os homens a fantasia de um corpo superlativo.

Ah, seria bem exagerado, tudo grande, tudo definido, sem barriga, tudo durinho, tudo perfeito, é o que, acho que toda mulher quer.

Daí, acho que foi em 2002 que eu comecei a malhar para crescer, pra ficar forte, sabe? Pra ficar com o corpo diferente do que eu tinha.

Quando eu comecei a tomar, eu queria ficar horrorosa. Eu quero ficar horrível. Eu virei pro meu personal e falei assim: “eu quero ficar horrível, olha pra mim! Eu quero ficar horrível!”

Na análise do discurso, um aspecto a ser considerado é o interdiscurso, a memória discursiva, ou seja, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2005, p.31). Quando o indivíduo enuncia uma fala, ela já está carregada de sentidos herdados historicamente, o interdiscurso impregna o modo como o sujeito significa determinadas situações. As palavras não nos pertencem, “o dizer não é propriedade particular. (...) o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelos quais os sentidos se constituem nele” (p.32). Assim, perseguindo as singularidades presentes nos discursos das mulheres envolvidas com o uso de anabolizantes, nos deparamos com a tensão em torno do desejo em um corpo forte e musculoso ao lado das representações



circulantes acerca deste mesmo corpo, materializado no discurso: *eu queria ficar horrorosa*. As mulheres praticantes de musculação e usuárias de anabolizantes fora da esfera competitiva que constituem os sujeitos desta pesquisa, enunciam ecos de um imaginário que restringe a força a um signo do masculino, embora assumam o grande objetivo de ser forte.

POPE *et alli* (2000), adjetiva a legião de homens insatisfeitos com o próprio corpo como uma geração de supermachos, que buscam no uso dos esteróides anabolizantes atender às demandas emergentes de novas masculinidades, em que a forma corporal se impõe como um imperativo ao lado de outras tantas exigências. Estendendo a analogia, podemos pensar na questão emblemática de “ficar horrorosa”, como uma ruptura a um conjunto de representações reificadas do universo feminino, abdicando de um estereótipo de delicadeza e suavidade. Estas supermulheres reclamam o direito de ser forte como tentativa de distinção e diferenciação do grupo feminino, ao passo que se esforçam para manter este pertencimento, por vezes questionado pela aparência corporal: “*eu não queria ficar igual um homem, eu queria ficar horrível assim de grande pra mulher, mas não igual um homem*”.

Os signos tradicionais do masculino e do feminino se intercambiam, as mulheres reclamam o direito à força e aos espaços das academias de ginástica. “Ao mesmo tempo em que o corpo do homem se sexualiza, o corpo da mulher se torna musculoso”, dispara Le Breton (1995, p.162). A concepção do corpo e da sua anatomia como destino tem seus dias contados e assumirá mutantes contornos na sociedade regida pelo uso das tecnologias no corpo.

Courtine (1995) também analisa que o músculo há muito extrapolou a esfera dos ringues popularizando-se sem distinção, deixando de ser privilégio de um sexo e signo de dominação de um sobre o outro. Le Breton (2003) também faz referência à diluição das fronteiras que dificulta o reconhecimento entre a forma corporal de homens e mulheres, estas últimas identificadas somente pelos códigos das roupas ou pelo corte do cabelo. A prática obstinada de exercícios físicos associada à dietética e à ingestão de hormônios tende a minimizar os caracteres femininos.

A construção social de uma representação do corpo da mulher como delicada e feminina abarca uma polissemia reveladora do conjunto de tensões expressas no discurso dos sujeitos da nossa pesquisa. Ao mesmo tempo em que rechaçam um corpo muito delicado, temem o afastamento da condição feminina, pela aproximação e comparação com um estereótipo corporal masculino:

Fiquei enorme. Tipo assim, braço muito grande, perna, bunda. Ai aquilo começou a me incomodar, ai eu comecei a não querer mais ficar daquele jeito. Porque as pessoas já olhavam pra mim diferente. Elas não olhavam assim desejando. Olhavam assim os homens: “Nossa! Olha só!”, “oh cuidado, vai te bater hein!”. Entendeu? Ai aquilo começou a me incomodar.(...) Ai, eu, tipo assim, eu não gosto daquele corpo feminininho, feminino sabe? Eu gosto de um corpo mais assim, grande, tipo assim, eu não queria ser toda delicadinha. Sabe? Eu gosto de ser grandona, eu quero ser grande. Mas não, agora não grande mais daquele jeito. Eu quero ser, um, um, sabe sarada assim.

Mudou muita coisa. Tipo assim, eu era mais delicadinha, entendeu? Hoje eu sou mais bruta. Minha mãe fala: “Ai você era tão bonitinha [fulana]. Tão bonitinha!”.

Até um certo tempo ele deixa o teu corpo assim bonito, sabe? É só não exagerar muito, que aí fica bruto demais. Como eu já fiquei. Já fiz campeonato, já ganhei. E as pessoas falavam assim “ [fulana], ta feio, já está demais!” Não, eu olhava pro espelho, ta pouco, eu quero mais. Agora eu tomo mais civilizadamente.



Ah exagerado fica, eu vejo no espelho, começa a ficar aqueles músculos igual de homem. A voz fica feia. Ai eu sei que já ta bom, ai eu paro um mês.

também nada de uma mulher musculosa demais, apesar de quando a gente passa a usar a gente perde a noção, eu tenho a consciência disso que a gente perde a noção do que ta.

É neste jogo de tensão entre o pertencimento e a distinção dentro do grupo feminino que deslizam as marcas lingüísticas características das formações discursivas dos sujeitos de nossa pesquisa. O espelho, altar da revelação, convida ao olhar metucioso, esquadrinhando o corpo para o investimento no detalhe.

Tomadas pela embriaguez e pela absorção do encantamento pela própria imagem, como na narrativa mítica do jovem Narciso, que sucumbe ao mergulho em busca da imagem sedutora, estas mulheres ainda não negam a alteridade. Na intimidade do diálogo especular e na angústia da perseguição de uma quimera corporal, muitas rompem a fronteira de uma gestão racional do corpo, apontando a grande dificuldade em encontrar o limite da intervenção e manipulação corporal, o que pode levá-las ao profundo mergulho no labirinto dos espelhos. Este mergulho é tão metafórico quanto literal, pois que aponta este grande jogo de sorte, em que a morte aparece interdita, velada e negada pelo culto obsessivo da beleza, da força, da juventude.

Ainda que as representações que ancoram as práticas corporais deste grupo possam romper com o estereótipo da mulher delicada e feminina, conduzindo para o que, com orgulho, elas se adjetivam: “bruta”, “grande”, “horrível”, o olhar do outro se mantém como uma referência de aceitação que parece mediar o uso do anabolizante, embora possam negá-lo em muitas passagens dizendo que não se importam com que os outros pensam. O discurso denuncia este limite: “*porque as pessoas já olhavam pra mim diferente*”, “*eu vejo no espelho, começa a ficar aqueles músculos igual de homem. A voz fica feia. Ai eu sei que já ta bom, ai eu paro um mês*”.

O mito da eterna juventude é paradoxalmente a aposta no jogo da vida, apostas cada vez mais altas no controle das marcas do tempo, na extinção das imperfeições corporais e da idéia da felicidade alcançada pela exterioridade corporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, Simone Freitas. *Educação física e esteróides anabolizantes: riscos e desejos no labirinto dos espelhos*. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2007.

_____. *Em cena: o corpo. Sentidos que circulam com o corpo nas propagandas de televisão* (Dissertação de Mestrado). Programa de pós-graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 18^o ed. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004



COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do narcisismo – body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: Denise Bernuzzi de Sant'Anna (org). *Políticas do corpo*. São Paulo: Liberdade, 1995. P. 81-114.

LE BRETON, David. *Anthropologie du corps et modernité*. 3ª ed. Paris: PUF, 1995.

_____. *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995ª

_____. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. *Discurso e Leitura*. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

POPE, Harrison G; PHILLIPS, Katharine, A.; OLIVARDIA, Roberto. *O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo*. Trad. Sérgio Teixeira. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PROUST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. 7ª ed. *História da vida privada – Da primeira guerra aos nossos dias*. Vol.5. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

Simone Freitas Chaves

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Educação Física e Desportos. **Endereço:** Av. Carlos Chagas Filho, 540. Cidade Universitária. Ilha do Fundão – RJ.

Email: chavessimone@terra.com.br

Recursos necessários para apresentação: Datashow.

Prof. Dra. Simone Freitas Chaves

Prof. Ddo. Jorge Felipe Fonseca Moreira